

A Missão de Deus na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*

Martin N. Dreher

1. Esquecer um Conceito

“Que religião é essa, cujos principais divulgadores são mulheres, crianças e artesãos?”, perguntava por volta do ano 200 depois de Cristo o patriota ateniense Celso¹, que via os deuses nacionais gregos sendo substituídos pelo Pai de Jesus Cristo, anunciado por pessoas insignificantes: mulheres, crianças e escravos que exerciam o artesanato. Para ele, a ordem da sociedade estava sendo posta de cabeça para baixo, pois os que estavam embaixo na escala de valores eram agora pregadores de uma religião.

Nas comunidades fora da área de atuação do apóstolo Paulo, os divulgadores da mensagem cristã eram profetas, mestres e pessoas que impunham grande rigor a sua vida pessoal, os ascetas². Além deles, encontramos pessoas que faziam milagres e expulsavam demônios em nome de Jesus. Também elas anunciavam a Jesus. Eram designadas de taumaturgos e exorcistas. Profetas, mestres, ascetas, taumaturgos e exorcistas não formavam comunidades, mas convocavam indivíduos à fé e à prática de uma vida muito séria. Iam abrindo picadas, cavando sulcos. Não tinham uma “estratégia” missionária. Esta, tampouco o apóstolo Paulo tinha. “Estratégia” missionária também não tinham as mais antigas comunidades que se formaram ao longo do Mar Mediterrâneo. Para nós elas até seriam comunidades muito fechadas em si mesmas. Eram, porém, comunidades solidárias. Essa solidariedade se evidenciava nas ceias comunitárias que tinham, mas também na ajuda que davam a pobres e doentes, nos cemitérios que mantinham para que neles os pobres pudessem ser sepultados com dignidade. A solidariedade tornava mais fácil a perseguição da parte do Estado, pois este podia reconhecer com facilidade as pessoas que se reuniam para as ceias, auxiliavam a pobres e doentes e mantinham cemitérios. A persistência de tais comunidades em época de perseguição também lhes dava maior credibilidade. Elas não eram “missionárias” no sentido que muitas vezes damos ao conceito. Eram, porém, comunidades que confiavam que o louvor que proferiam em seus cultos fosse descrição de uma certeza: Deus não exige apenas veneração, mas enviou seu Filho ao mundo para por seu intermédio levar pessoas à salvação e colocá-las ali onde, por seu Espírito, o futuro já começou para a fé: a Igreja.

Graças te damos, Deus, pelo teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos

tempos *nos enviaste*, Salvador e Redentor, mensageiro da tua vontade, que é o teu Verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, *enviaste* do Céu ao seio de uma Virgem; que, aí encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Que, cumprindo a tua vontade — e obtendo para ti um povo santo —, ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento os que confiaram em ti. Que, enquanto era entregue à voluntária Paixão para destruir a morte, fazer em pedaços as cadeias do demônio, esmagar os poderes do mal, iluminar os justos, estabelecer a Lei e dar a conhecer a Ressurreição, tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: Tomai, comei... Por isso, nós, que nos lembramos de sua morte e Ressurreição, oferecemos-te o pão e o cálice, dando-te graças porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e servir-te. E te pedimos que *envies* o teu Espírito Santo à Oblação da santa Igreja: reunindo em um só rebanho todos os fiéis que recebemos a Eucaristia na plenitude do Espírito Santo para fortalecimento da nossa fé na Verdade, concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu Filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra — ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém.³

Estas são palavras da oração eucarística de Hipólito de Roma (ca. de 220) e falam de convicção missionária: quem envia é *Deus*. Há uma missão *divina* em relação ao ser humano. Igreja é obra de *Deus*. Ainda voltaremos a essas palavras da comunidade de Hipólito.

Em Nicéia, 325, a situação havia se alterado fundamentalmente. A fé podia ser confessada, sua expansão foi favorecida pelo imperador Constantino, funcionários públicos viam-se forçados a abraçar o cristianismo. Através da atividade de monges, a fé cristã alcançou o mundo rural. Os habitantes do mundo rural eram designados de pagãos. É por isso que dizemos que a fé cristã chegou “aos pagãos”. Basicamente encontramos quatro tipos de missão: 1) missão feita pelo imperador (ela é político-religiosa); 2) missão controlada por bispos com a finalidade de pacificar populações revoltadas em sua área de controle; 3) conversões entre bárbaros, a partir da atividade de cristãos aprisionados; 4) conversão de povos, através da atividade de monges e de ascetas.

Nossa tradição ocidental seria determinada, basicamente, pelo primeiro tipo de missão: a missão feita pelo imperador, através das armas. Em poucas oportunidades o terceiro e quarto tipos de missão se fariam presentes, merecendo, então, honroso destaque. Terríveis conseqüências teve a formulação teológica de Eusébio de Cesaréia, que via no imperador Constantino, o primeiro imperador a proteger oficialmente o cristianismo, o poder do Verbo de Deus, Jesus Cristo, agindo em todo o mundo. Eusébio disse de Constantino que ele era o homem “que, semelhantemente a seu Senhor (Deus), tem nas mãos o timão de todos os acontecimentos deste mundo e o dirige”⁴. O reino de Cristo e o Império Romano se confundiam para Eusébio, eles tinham o mesmo tamanho. Se antes havia um “envio” de parte de Deus, agora havia “missão” de parte do imperador, e “missão” é um *termo militar*. Dois conceitos totalmente distintos de missão marcaram a fé cristã: o envio de Deus e a missão do imperador. Desde o ano de

325 até tempos bastante recentes fomos determinados por um conceito imperialista, militarista de uma missão. Os que a fizeram e fazem pensam estar agindo em nome de Deus; na realidade, porém, são usados para a expansão dos impérios, de ideologia papal (submeter todas as igrejas a Roma) ou de grupos eclesiásticos. Os reis e papas da Idade Média fizeram missão com as armas. As igrejas que se expandiram do século XVI ao XIX, e ainda século XX adentro, fizeram-no no contexto da expansão de impérios militares e econômicos. Na realidade participaram do empreendimento militar chamado “missão”. A cruz, sinal visível do envio do Filho da parte do Pai, foi negada. Relataram-se os “grandes feitos” da “missão” humana.

O ensejo das comemorações em torno de um centésimo da história do continente americano leva-me a reproduzir um texto “missionário” de 1513:

Da parte do muito alto, muito poderoso e muito católico defensor da Igreja, sempre vencedor e nunca vencido, o grande rei Dom Fernando V das Espanhas, domador de povos bárbaros, e da muito alta e muito poderosa senhora, a rainha Dona Joana, sua muito cara e muito amada filha, nossos senhores. Eu, Pedrarias Dávila, seu criado, mensageiro e capitão, vos notifico e faço saber como melhor posso que Deus Nosso Senhor, uno e eterno, criou o céu e a terra e um homem e uma mulher, de quem nós e vós e todos os homens do mundo foram e são descendentes e procriados, e todos os que depois de nós vierem; mas devido à multidão da geração que seguiu-se destes desde mais de cinco mil anos que o mundo foi criado, foi necessário que alguns homens fossem para uma parte e outros para outra e se dividissem por muitos reinos e províncias, pois numa só não poderiam se sustentar nem conservar.

De todas estas pessoas Nosso Senhor encarregou um, que foi chamado São Pedro, para que de todos os homens do mundo fosse senhor e superior, a quem todos obedecessem e fosse cabeça de toda a linhagem humana onde quer que os homens vivessem e estivessem, e em qualquer lei, seita ou crença, e lhe deu todo o mundo como seu reino, domínio e jurisdição.

E mandou-lhe que pusesse sua sede em Roma, como lugar mais apropriado para reger o mundo, mas também lhe permitiu que pudesse estar e pôr sua sede em qualquer outra parte do mundo, e julgar e governar todos os povos, cristãos, mouros, judeus, gentios, e de qualquer outra seita ou crença que fossem.

A este chamaram Papa, que quer dizer admirável, maior, pai e guardador, porque é Pai e governador de todos os homens.

Tomaram este São Pedro por senhor, rei e superior do universo os que naquele tempo viviam, e do mesmo modo tiveram todos os outros que depois deles foram eleitos ao pontificado; assim se continuou até agora e se continuará até que o mundo se acabe.

Um dos Pontífices passados que sucedeu no lugar deste naquela sé e dignidade de que falei, como senhor do mundo, fez doação destas Ilhas e Terra Firme do mar Oceano aos ditos Rei e Rainha e a seus sucessores nestes reinos, nossos senhores, com tudo o que nelas há, segundo está contido em certas escrituras que sobre isso passaram, segundo está dito, as quais podeis ver se quiserdes (...).

Portanto, como melhor posso vos rogo e requeiro que entendais bem isto que

vos disse, e para entender e deliberar sobre isso useis o tempo que for justo, e reconheçais a Igreja como senhora e superiora do mundo universo e o Sumo Pontífice chamado Papa, em seu nome, e o rei e a rainha nossos senhores, em seu lugar, como superiores, senhores e reis dessas Ilhas e Terra Firme, por virtude da dita doação, e consintais e permitais que estes padres religiosos vos declarem e preguem o sobredito.

Se assim fizerdes, fareis bem, e aquilo a que sois tidos e obrigados, e Suas Altezas, e eu em seu nome, vos receberão com todo amor e caridade, e vos deixarão vossas mulheres, filhos e bens livres sem servidão, para que deles e de vós façais livremente tudo o que quiserdes e considerardes bom e não vos compelirão a vos tornardes cristãos, salvo se vós, informados da verdade, vos quiserdes converter à nossa santa fé católica, como fizeram quase todos os habitantes das outras ilhas e, além disto, Sua Alteza vos dará muitos privilégios e isenções, e vos fará muitas mercês. Se não fizerdes isso, ou maliciosamente vos demorardes, certifico-vos que com a ajuda de Deus eu entrarei com poder contra vós e vos farei guerra por todas as partes e maneiras que eu puder, e vos sujeitarei ao jugo e obediência da Igreja e de Suas Altezas, e tomarei vossas pessoas e as de vossas mulheres e filhos e os farei escravos, e como tais os venderei e disparei deles como Sua Alteza mandar, e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder, como a vassallos que não obedecem nem querem receber a seu senhor e a ele resistem e contradizem; e protesto que as mortes e danos que resultarem disso sejam por culpa vossa e não de Sua Alteza, nem minha, nem destes cavaleiros que comigo vieram, e de como digo e requeiro peço ao escrivão presente que mo dê por testemunho e assinado, e aos presentes rogo que disso sejam testemunhas.⁵

O texto faz parte de um mundo de cristandade. Cristandade é o regime no qual Igreja e Estado, altar e trono estão ligados, onde o imperador manda na Igreja, onde ele é o chefe da Igreja. Esse regime está chegando ao fim em nossos dias. Encontramo-nos como Igreja em um tempo posterior ao fim do regime de cristandade. Somos, porém, enquanto Igreja Luterana, um grupo desenvolvido sob o regime da cristandade e inserido no Brasil durante o período de cristandade. As igrejas protestantes para as quais temos olhado como exemplo de missão (metodistas, batistas, presbiterianos e anglicanos) são fruto do regime de cristandade. Sua introdução no Brasil se deu na época em que os Estados Unidos da América do Norte começaram a se expandir como império econômico e político, pensando ter uma “missão” em relação ao resto do mundo. Também aí missionar foi levar a civilização dos Estados Unidos para o resto do mundo. Nesse sentido, sua missão não foi muito diferente da de Constantino. Cristo é César, e César é Cristo. A missão pentecostal, mais recente, não foi uma tentativa de reintroduzir a cristandade, mas a teocracia. Teocracia é a forma de governo em que a Igreja governa sobre o Estado.

Para onde olhar, quando se está ciente de culpa e carente de perdão? Quando se sabe que não se tem o direito de operar um conceito como “missão”, que se deve abandoná-lo? Onde partir? Da esperança cristã. A crise da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é a crise de sua esperança.

2. Esperança Cristã

2.1. Os profetas do Antigo Testamento nos anunciam o que esperamos: Deus vai reunir todos os povos no único povo de Deus. Para tanto ele vai intervir na história da humanidade, julgar os povos e reuni-los ele próprio. Os povos todos vão peregrinar ao Monte Sião e perguntar pelo ensino de Deus:

Palavra que, em visão, veio a Isaías, filho de Amoz, a respeito de Judá e Jerusalém: Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR de Jerusalém. Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhos de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR. (Is 2.1-5; cf. também Mq 4.1ss.; Jr 3.17; Is 25.6-9; Ag 2.6-9; Zc 8.20ss.).

O texto não fala de israelitas indo aos povos, mas de povos se reunindo no “umbigo da terra” (Ez 38.12; Almeida traduz “meio da terra”) por causa da revelação de Deus. Quando os povos se reunirem, estará instalado o reino de Deus. Aí os povos que estão encobertos pela escuridão verão a luz gloriosa de Deus sobre Jerusalém, acorrerão e anunciarão (evangelizarão: LXX) os grandes feitos do SENHOR:

Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti aparece resplendente o SENHOR, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz, e os reis para o resplendor que te nasceu. Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes se ajuntam e vêm ter contigo; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços. (Is 60.1-5.)

A história caminha em direção ao juízo de Deus. Diante desse juízo, Israel recebe de Deus a incumbência digna de consideração: o povo de Deus é cego e surdo. Não vê o que Deus quer que veja; não ouve o que Deus quer que ouça. Por isso, ele só pode ser testemunha passiva de Deus. O povo de Deus não pode determinar o que é ação de Deus. É o próprio Deus quem a determina e deixa o povo representar em sua história a ação de Deus. O povo de Deus é sinal visível do amor incondicional de Deus. Isto é, na vida da Igreja, na vida do povo de Deus; na vida de Israel, só podemos ver a ação de Deus de maneira oculta. Depois da Sexta-Feira-Santa temos que falar da Igreja a partir da perspectiva da cruz. É isso que nos dizem os seguintes textos:

Surdos, ouvi, e vós cegos, olhai, para que possais ver. Quem é cego, como o meu servo, ou surdo como o meu mensageiro, a quem envio? Quem é cego como o meu amigo, e cego como o servo do SENHOR? Tu vês muitas coisas, mas não as

observas; ainda que tens os ouvidos abertos, nada ouves. Foi do agrado do Senhor, por amor de sua própria justiça, engrandecer a lei, e fazê-la gloriosa. Não obstante é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas, e escondidos em cárceres; são postos como presa, e ninguém há que os livre; por despojo, e ninguém diz: Restitui. Quem há entre vós que ouça isto? que atenda e ouça o que há de ser depois? Quem entregou Jacó por despojo e Israel aos roubadores? Acaso não foi o SENHOR, aquele contra quem pecaram, e nos caminhos do qual não queriam andar, não dando ouvidos a sua lei? (Is 42.18-24.)

Traze o povo que, ainda que tem olhos, é cego, e surdo, ainda que tem ouvidos. Todas as nações se congreguem, e os povos se reúnam; quem dentre eles pode anunciar isto, e fazer-nos ouvir as predições antigas? Apresentem as suas testemunhas, e por elas se justifiquem, e para que se ouça e se diga: Verdade é. Vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR, o meu servo a quem escolhi; para que o saibais e me creiais e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei salvação, realizei-a e a fiz ouvir; deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR; eu sou Deus. Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos: agindo eu, quem o impedirá? (Is 43.8-13.)

O povo de Deus deve ser realmente e tão-somente povo de Deus (Is 40.1ss.). É por isso que o Servo do SENHOR (Is 42.1) é anunciado em primeiro lugar a Israel (Is 40.1-11; 52.6ss.). Ele é aquele que sofre por “muitos” (Is 52.13ss.), é a “luz para os povos” (Is 42.16; 49.6; 51.4), cujo testemunho traz os povos até o SENHOR.

Tem sido essa a missiologia cristã de 325 até o século XX? Ela só existiu em raras exceções.

2.2. A mensagem do Novo Testamento só pode ser compreendida à luz da esperança do Antigo Testamento, a qual descrevemos acima. Foi por isso que Jesus e seus discípulos, inicialmente, não se dirigiram aos povos, atendendo ao que dizia o Antigo Testamento. No entanto, na cruz de Jesus Cristo acontece o juízo de Deus sobre Israel e sobre os povos. No acontecimento da Sexta-Feira-Santa e da Páscoa inaugura-se o reino de Deus, por cuja realização plena esperamos, com todas as conseqüências para o mundo inteiro: “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.” (Fp 2.10s.) Cf. Is 45.23: “Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua.”

A certeza de que na cruz de Jesus Cristo acontece o juízo de Deus sobre Israel e sobre todos os povos tem significado central para o envio cristão ao mundo. É a partir dessa certeza de que Deus proferiu seu juízo e que está iniciada a caminhada em direção ao reino de Deus, pela qual há muito se esperava, que

o povo cristão sai a anunciar o que aconteceu em Jesus Cristo. Por outro lado, a certeza encontrada na cruz e na ressurreição de Jesus também está a exigir o anúncio dos cristãos. Eles não podem ficar com ela apenas para si. *Todos os povos devem se reunir em Sião.*

É bom lembrar que Jesus criticou a atuação missionária do judaísmo de sua época: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazer um convertido; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós.” (Mt 23.15.) Tal missão para Jesus era um abuso. Ela queria fazer por forças próprias o que estava previsto para ocorrer no final dos tempos, por ação de Deus e não por ação de seres humanos. Jesus proibiu a seus discípulos que pegassem aos povos (Mt 10.5-6), sabendo-se enviado apenas “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24). O envio dos doze (Mt 9.35-10.16) e o dos setenta (Lc 10.1-16) são envios a Israel, a quem é anunciada a vinda iminente do Reino. O Jesus terreno era, essa é também a convicção do apóstolo Paulo, um “diácono da circuncisão” (Rm 15.8). Paulo usa essa expressão porque a circuncisão era sinal característico de Israel. Ele quer dizer que Jesus servia a Israel.

Todos esses dados do Novo Testamento, que testemunham o envio de Jesus a Israel, parecem contradizer aquela convicção de que o que aconteceu na Sexta-Feira-Santa e na manhã de Páscoa tem significado universal. Vejam-se, p. ex., as palavras do apóstolo Paulo em Rm 15.9-12. Esta tensão é explicada em Jo 12.20-32, um texto realmente missionário:

Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos; estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver a Jesus. Filipe foi dizê-lo a André e André e Filipe o comunicaram a Jesus. Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo, preservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará. Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei, e ainda o glorificarei. A multidão, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz, dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou. Então explicou Jesus: Não foi por mim que veio esta voz, e, sim, por vossa causa. Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.

Gregos, representantes do mundo dos povos vêm ver Jesus. Ante este fato, é dito que o tempo do juízo chegou, que agora o fim dos tempos é chegado. Para entendermos o sentido neotestamentário da missão, esse texto é fundamental e esclarecedor. Ele parte da visão do Antigo Testamento ao assumir o aspecto da missão de Deus, do final dos tempos. Por outro lado, mostra a nova situação, surgida com o chamado de Jesus para que Israel se arrependa (“diácono da

circuncisão’’!), com seu poder e autoridade de perdoar pecados (Mc 2.1-12) e com sua proclamação do final do tempo (éon) antigo (Mt 11.5; 12.28). Jesus foi enviado a Israel por causa do final dos tempos e por causa da promessa de que no final dos tempos os povos iriam caminhar em direção a Sião. Como o reino de Deus se aproxima, assim como foi prometido no anúncio dos profetas, Israel é chamado à obediência, para que todos os povos sejam abrangidos.

O Jesus que se diz enviado apenas “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24) é o mesmo que aponta para o samaritano (Lc 10.29-37), uma pessoa que não pertence ao povo de Israel. Ele promete a ressurreição dos povos (Mt 11.22) e perdão para muitos, isto é, para os povos, no juízo que vem vindo (Mt 25.34: “Vinde, benditos de meu Pai! e entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.”) Agora, diante do juízo, toda a humanidade fica próxima do juiz, não só Israel. Em virtude do significado universal do reino de Deus, a salvação e a condenação são decididas frente àquele que as traz e que, ao mesmo tempo, as é (Mc 11.9-10; Jo 1.14). Aqui há uma nova situação ecumênica. Israel, que foi o primeiro a ser chamado, rejeita-o e rejeita-se a si próprio.

Quando Jesus foi rejeitado, ele não iniciou missão entre os povos. Ao contrário, a consequência da rejeição de Jesus não foi a missão entre os povos, mas sua morte na cruz. A missão não começou porque Israel rejeitou a Jesus. A missão começou porque, quando foi rejeitado, Jesus foi para Jerusalém! Ali morreu na cruz. Quando Deus, na manhã da Páscoa, ressuscita o crucificado, a cruz se torna a base, o fundamento e o início da missão (Jo 12.24,31-32). Ela é o juízo “para muitos” (Mc 14.24; cf. Is 53.11-12), no qual Deus age em relação a todo o mundo. O evangelista João interpreta este “para muitos” ao dizer: “e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos” (Jo 11.52). Agora que se deu o juízo de Deus, o qual colocou o castigo sobre o Filho, inicia-se a caminhada em direção ao Reino.

A partir da cruz, a missão tem como alvo o final dos tempos. Quem sabe a respeito da cruz de Jesus tem a esperança num mundo novo que vai ser revelado, em definitivo, no futuro. Mesmo assim, ele já tem parte nesse futuro, através da fé em Jesus Cristo. Isso está expresso nas palavras do apóstolo Paulo a respeito da Santa Ceia: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.” (1 Co 11.26.) A missão se encontra sob um compromisso: “É necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.” (Mc 13.10.) Para o discípulo em sua tarefa missionária é importante saber que essa tarefa é cumprida sob sofrimento (2 Co 4.7ss.). Missão acontece sob sofrimento: “Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.” (Mt 24.9.) Missão, aliás, leva ao sofrimento (Mc 13.9).

Em Mt 28.18-20 é comunicada a ordem do Senhor de anunciar/proclamar o reino de Deus para todo o mundo. Por isso acontece uma conclamação para o envio: “Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas

a quantos encontrades.” (Mt 22.9.) Esse envio não visa conquista, mas reunião. É por isso que Jesus fala em Batismo. Os discípulos que são enviados estão convidados a reunir os povos na comunidade dos batizados. A comunidade dos batizados é a reunião daqueles que têm parte no futuro de Deus, através da fé em Jesus Cristo. No Batismo eles passam a fazer parte do corpo de Cristo. Toda a missão cristã acontece, portanto, em vista do final dos tempos e é por ele determinada. O envio dos discípulos é o início da reunião dos povos que os profetas tanto esperavam. É o começo do fim (Mt 24.14; 24.31).

Assim como o Senhor, através do Espírito Santo, é o autor da missão (Mc 13.11) e o discípulo, através de seu testemunho, é apenas testemunha sofredora (mártir), da mesma maneira também o Senhor é o *alvo* da missão (Fp 2.11; Jo 5.23; Rm 14.9). O Espírito Santo provoca no missionário o testemunho de Cristo (2 Co 4.5; Jo 1.3), sua pregação busca a obediência da fé (Rm 1.5; 16.26), visa o novo povo de Deus, formado dos povos e de Israel (Rm 9-11), no qual a comunidade “já” reunida (2 Co 5.17) deposita sua confiança na esperança (Rm 15.12; 1 Pe 1.13) da plena revelação de Deus ante todo o mundo: “Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles.” (Ap 21.3.)

3. A Missão de Deus e a Missão da Igreja

Diferente da missão de Deus é a missão da(s) Igreja(s). A missão de Deus é a reunião do povo de Deus que ocorre na ação divina, iniciada em Cristo. A atividade missionária da(s) Igreja(s) se expressou, como vimos, na Igreja Antiga em ações espontâneas; mais recentemente na atividade de sociedades missionárias. Caso identificarmos ambas as missões, a missão de Deus e a missão da Igreja, *relativizamos* o que aconteceu em Cristo e retiramos a Igreja da participação na missão de Deus ou colocamos a atividade missionária das igrejas como valor absoluto. De fato, a Igreja sempre só pode *participar*, crendo na missão de Deus. Assim, se a IECLB tiver a *sua* missão, esta, certamente, não será a missão de Cristo. A missão de Cristo é missão de Cristo; não é nossa missão. A missão da Igreja só pode ser participação na missão de Deus, representando a tensão entre o Reino que esperamos e o mundo em que vivemos.

Esse aspecto não é um aspecto qualquer, pois repetidamente temos que constatar que, mesmo sabendo que a fundamentação da missão está no que aconteceu e acontece em Cristo, como início da caminhada em direção a Sião, a missão está sendo vista como missão de uma Igreja/denominação ou como missão de um grupo de cristãos, que designam a si mesmos de verdadeiros crentes. Aqui não se caminha em direção a Sião; no máximo se faz uma tentativa de reintroduzir o regime de cristandade, criando-se um reino que não é de Deus, mas que corresponde a intenções muito humanas. O mesmo erro está dado

quando se busca ativismo e se vê nas muitas atividades a “missão” da Igreja e/ou Comunidade. A atividade do crente não é por si só missionária! O aspecto missionário da atuação da Igreja encontramos na relação que o que aconteceu em Cristo e o que está se iniciando com ele têm com o *mundo*. Missão não pode ser feita a partir da piedade cristã, mas só a partir da obediência da fé que prega a Cristo somente.

A missão também não pode ser fundamentada a partir da existência da Igreja. Se assim fosse, missão seria simplesmente propagação e multiplicação de igrejas históricas (luteranos, metodistas, presbiterianos, batistas...), egoísmo eclesiástico. Por isso, a missão também não pode ser vista simplesmente como auxílio inter-eclesiástico. Os auxílios financeiros da Igreja Evangélica na Alemanha para a IECLB ou os auxílios da IECLB para a Igreja Luterana em Moçambique ainda não são missão. Missão tem a ver com os povos que não conhecem o Pai de Jesus e Cristo e aos quais Deus está chamando para Sião. A diaconia ecumênica, tão importante, deve estar a serviço da missão, mas não é missão.

Também o alvo da missão não pode ser a Igreja. É verdade que a Igreja tem grande importância para a missão. Ela chama pessoas à conversão e ao Batismo, à fé e ao senhorio de Jesus Cristo, à esperança. Através da ação do Espírito Santo, reúne pessoas como povo de Deus. Quando ocorre Batismo, surge Igreja. Com o Batismo, a Igreja assume a responsabilidade de levar os batizados a uma pregação própria e a uma administração correta dos sacramentos, isto é, a formar Igreja. Quando se pensa, porém, na missão de Deus, as igrejas devem saber que elas *não* são o alvo da missão de Deus. Elas estão chamadas e enviadas a participar da missão de Deus. O alvo da missão da Igreja é o reino de Deus, a revelação final de Deus. Ela tem seu alvo, como diz Paulo em 1 Co 15.28, no dia em que Deus será tudo em tudo: “Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em tudo.”

Disso surgem algumas conseqüências. De modo algum a missão pode ser propaganda da cultura, de um modo de ser cristão. Nem *American way of life* nem *deutsches Wesen* tem seu lugar na missão. A missão também não pode ser vista como expansão do cristianismo. Isso deveríamos ter aprendido o suficiente da história do nosso continente! O que é, então, missão? Missão é tão-somente envio que testemunha o amor de Deus presente no Senhor crucificado e ressurreto. Este é o seu específico. Ela é sinal de Cristo no mundo, desistindo de impactos culturais e religiosos, estando disposta a assumir derrotas, desistindo de apresentar a Jesus como ditador, inflexível. A frase “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6) é convite e oferta de seguir a Jesus no caminho da cruz; de modo algum é palavra de um ditador inflexível. A leitura de Jo 14.6 que faz de Jesus um ditador inflexível só é possível na Igreja imperial, onde o César é Cristo. Em sua forma e em sua maneira de ser, a Igreja deve expressar que é diferente, que vive a realidade da fé, na confiança no Jesus crucificado e ressurreto.

Ponto de referência para a missão da Igreja não é o melhoramento do mundo, mesmo que como consequência de sua mensagem ela deva intervir em situações que clamam por melhoria. Ponto de referência para a missão da Igreja é o futuro do ser humano em Jesus Cristo, é sua vida plena de esperança. É por isso que a missão vai se dirigir, em primeiro lugar, a pessoas sem esperança e não ao reavivamento das pessoas dentro da Igreja ou à conversão de pessoas de outras igrejas. O parceiro da missão é o ser humano sem Cristo. Missão da Igreja é seu envio a todos os âmbitos em que o ser humano está sem Cristo. Assim, a Igreja testemunha o reino de Deus que há de se manifestar de maneira plena no final dos tempos, quando Deus reinar em todo o mundo.

4. Nossa Herança Luterana e a Missão de Deus

É comum entre nós, no Brasil, e mesmo entre muitos luteranos, ouvir-se a afirmação de que Lutero e os luteranos “não são missionários”. No entanto, a teologia de Lutero é teologia de missão! Todo o seu pensamento se concentrava em um ponto: a vinda do reino de Deus e as consequências dessa vinda para o mundo e para a Igreja. Toda a teologia de Lutero está centrada em Deus e na mensagem de Deus aos seres humanos, em Jesus Cristo. Toda a história da vida de Lutero é a luta pela difusão dessa mensagem na Igreja e fora dela.

Para Lutero, o sinal (*nota*) fundamental da Igreja é a difusão do evangelho puro. A Igreja só é reconhecida como Igreja de Cristo em sua pregação do verdadeiro evangelho. Todos os demais sinais (*notae*) da Igreja são aspectos do evangelho. A “viva voz do evangelho” está no centro de todo o pensamento de Lutero, quando fala da Igreja e do seu relacionamento com o mundo.

Essa centralidade, que se expressa em formulações como “somente Deus”, “somente Cristo”, “somente pela fé”, isto é, sem participação humana, levou a que se afirmasse que, em virtude de sua esperança no final dos tempos, Lutero não conhecia uma teologia da missão nem tinha motivação missionária. Tal afirmação carece de fundamento, pois é justamente em consequência de sua esperança no final dos tempos e de sua teologia centrada em Deus que Lutero foi ardentemente evangelista e missionário.

No Catecismo Menor, Lutero expressa a convicção de que na prece pela vinda do Reino partimos da esperança de que o reino de Deus venha para dois grupos de seres humanos. O Reino vem para aqueles que não estão no Reino e também para aqueles que o aceitaram e nele estão⁶. Na prece “Venha o teu reino” também se expressa a esperança de que o reino de Deus venha de “duas maneiras”. Ele vem aqui e agora através da Palavra e da fé, mas também vem em eternidade, através da revelação, da segunda vinda de Cristo no final dos tempos.

A prece “Venha o teu Reino” pede que seu reino venha a dois grupos de

seres humanos e de duas maneiras. Devemos orar para que o evangelho seja pregado de maneira pura e inequívoca *em todo o mundo*, mas também orar para que tenha domínio *entre nós* pela Palavra e pelo poder do Espírito Santo. A esses dois grupos o reino de Deus vem de duas maneiras: nesta vida, *no tempo*, e como realidade futura, como *vida eterna*. Nessas quatro maneiras, o reino de Deus pretende destruir o reino do diabo, fazendo com que o mal perca todo o poder sobre a criação e sobre o ser humano. E essa é a *missão de Deus: arrancar a criação e o ser humano do poder do mal*. Essa é a visão de Lutero.

Lutero foi professor e intérprete da Bíblia, e, por isso, não deve causar espécie que sua posição a respeito da missão de Deus esteja tão próxima do que apresentamos a partir das Sagradas Escrituras como esperança cristã. A teologia da missão que encontramos em Lutero é simples. No entanto, por causa de sua simplicidade, tem sido deturpada de quatro maneiras na Igreja Luterana:

- 1) Houve teólogos luteranos que afirmaram que o reino de Deus só vem para os crentes, entendendo-o como acontecimento dentro dos muros da Igreja.
- 2) Houve teólogos luteranos que afirmaram que o reino de Deus só vem para o mundo e não tem conseqüências para a Igreja.
- 3) Houve teólogos luteranos que viram o reino de Deus tendo significado apenas para o aqui e agora, sem conseqüências para o futuro.
- 4) Houve teólogos luteranos que viram o reino de Deus tendo apenas significado futuro, sem significado para a história e para o nosso tempo.

Essas quatro possibilidades são perversão da esperança no Reino, são parciais e acabam com o alvo missionário da Igreja. Elas estão presentes também na IECLB, são seu pecado e, enquanto tal, causa maior de ela estar parada.

No entanto, a teologia de Lutero está centrada em Deus. Único sujeito da vinda do Reino é Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A radicalidade com a qual Lutero centra sua teologia em Deus (somente Deus, somente o evangelho, somente a fé) pode dar a impressão de que Deus atua sem os seres humanos. A missão de Deus é tão de Deus que os seres humanos parecem ser dispensáveis. Entre alguns luteranos, isso chegou a levar à opinião de que deveriam ficar parados. Lutero, porém, diz com clareza que, em sua missão em prol do mundo, Deus usa seres humanos. Em seu escrito *De servo arbitrio*, acentua que Deus “quer” trabalhar com seres humanos, que ele “quer” usar seres humanos como colaboradores. Deus poderia fazer tudo sozinho, mas não o quer fazer. “Assim, ele prega por nosso intermédio, ele se comisera dos pobres, consola os aflitos.” (WA 18,754.)

Para Lutero, a Igreja, enquanto povo de Deus, corpo de Cristo e comunhão do Espírito Santo, é instrumento de Deus. A Igreja foi salva para participar da história da salvação. Lutero pode até dizer que as pessoas devem ser salvas por nosso intermédio, assim como nós fomos salvos por aqueles que viveram antes de nós. A formulação é perigosa, mas expressa a instrumentalidade. É nesse sentido que Lutero fala da tripla ordem missionária da vida cristã: 1) A primeira ordem da vida cristã é o anúncio do evangelho que deve ser levado ao mundo

“por nosso intermédio”. 2) A segunda ordem da vida cristã é a perseguição com a qual o mundo se volta contra a Igreja, para pôr sua fé à prova. Com essa ação, são mortos os pecados da Igreja e o velho Adão é vencido (referência a Rm 5). 3) A terceira ordem da vida cristã é o surgimento dos frutos do Espírito a serviço do amor à humanidade (cf. WA 14,681).

São esses os temas de “nossa fé — nossa vida”, segundo Lutero. Essa ordem da vida cristã é expressão do que ele designa de “*sacerdócio de todos os crentes*”. O sacerdócio de todos os crentes perpassa todo o pensamento de Lutero. E isso significa: toda a Igreja tem o compromisso da missão. Não encontramos em Lutero qualquer indicação segundo a qual o ministério da Igreja seria de apenas um grupo, o dos pastores, um erro fundamental da ortodoxia luterana, o período posterior a Lutero e que abrange os anos de 1555 a 1675. Para Lutero, ministério e missão são uma única dimensão na vida da Igreja. O evangelho e o compromisso de seu anúncio foram confiados por Cristo a todos os crentes, a toda a Igreja, com os pastores. A função dos pastores é servir à Igreja para que a *Igreja* possa servir o mundo.

Sabemos que Lutero usou uma infinidade de palavras para caracterizar o ser da Igreja: comunidade, comunhão, povo, corpo, noiva. Nos Artigos de Esmalcalda dá aquela formulação marcante: “Graças a Deus, uma criança de sete anos sabe o que é a Igreja, a saber, os santos crentes e os cordeirinhos que ouvem a voz de seu pastor!”⁷ Segundo essas palavras, para Lutero a Igreja tem caráter comunitário. Ela não é uma instituição anônima e subordinada a diversas autoridades eclesíásticas, mas comunhão. É nesse sentido que Wilhelm Löhe, criador de um dos mais importantes seminários de missão da Alemanha, diz: “Sozinho o ser humano não poderia ser bem-aventurado... Sei o que intento dizer, mas intento-o assim mesmo: ‘Uma bem-aventurança eterna, um céu de alegrias imensuráveis, e nele apenas um, um único, mesmo que seja eu próprio! Não! Sozinho não quero ser bem-aventurado!’”⁸

Conseqüência lógica do evangelho é o amor que leva à comunhão. Esse amor é amor que serve outros seres humanos com palavra e ação. Por causa da promessa de Deus, contida no evangelho, a comunidade está enviada ao mundo. O que diz essa promessa? Ela nos diz que Deus veio ao mundo em Jesus Cristo, que Deus proferiu seu juízo sobre a humanidade na Sexta-Feira-Santa ao colocar o castigo sobre o Filho, que Deus, por causa do que aconteceu em Jesus Cristo, nos aceita incondicionalmente. A Páscoa é a garantia dessa promessa. Com a cruz e a ressurreição de Jesus Cristo está inaugurado o Reino para o qual nos movemos como comunidade que vai colocando os sinais de Jesus enquanto caminha. Sem esse evangelho não há envio da comunidade, sem o envio ninguém fica sabendo do evangelho. Por isso, a Igreja é criatura da Palavra e anunciadora da Palavra. Igreja não é soma de pessoas que crêem individualmente em Deus, mas comunhão de amor fraterno e de confiança mútua, irradiado no serviço aos que estão fora da comunidade. O evangelho se confessa com a boca e com a mão, diz Lutero.

O que é uma comunidade cristã? O lugar onde vivemos e ensaiamos aquilo pelo que esperamos: o reino de Deus.

A missão do reino de Deus, inaugurada com a vinda de Jesus e na qual nos movemos em direção a Sião, só tem um único alvo: destruir o reino do diabo. É bom, no entanto, que se diga bem claro que a Igreja *não* é o Reino! O reino do diabo está em guerra com Deus, diz Lutero, tanto na Igreja quanto fora dela. Por isso, Deus luta com o diabo na Igreja e no mundo. Deus quer salvar sua criação na Igreja e fora dela.

Ao falar da criação, Lutero tem uma visão muito positiva da vida humana. A criação de Deus é a vida com a qual nos deparamos todos os dias. É a vida que nos encoraja ao trabalho e ao serviço ao próximo. Viver uma vida de fé não significa, por isso, abandonar a vida na criação de Deus. Devemos, ao contrário, servir a Deus no dia-a-dia, em nossa *vocação*.

A profissão diária faz parte da história do reino de Deus tanto quanto a vida monástica e a vocação religiosa. Na vocação/profissão diária, o amor de Deus tem que ser transformado em serviço/diaconia ao próximo. No conceito de vocação (*Beruf*) temos, em Lutero, uma transformação radical na compreensão da missão da Igreja: a fé em Cristo é um poder libertador, através do qual a vida humana passa a ter uma vocação cheia de sentido. Ela é dádiva de Deus que é posta a serviço dos outros, na missão de Deus.

“Vocação” passa a ser um conceito que é aplicado à vida de *todos* os cristãos. Não está mais reservado para monges e sacerdotes. “Tomar a cruz” não é deixar o mundo e suas realidades, mas entrar no mundo e viver aqui a vocação de Cristo. A vida cristã tem um caráter profundamente mundano.

Essa teologia da missão que encontramos em Lutero supera falsas dicotomias. Não existe mais Igreja e mundo, sacro e profano, sacerdote e leigo, trabalho e vocação.

Infelizmente, no período posterior à morte de Lutero houve diversas alterações na concepção do reformador. Em boa parte elas também têm razões históricas. Nos anos que vão de 1555 a 1675 e que denominamos de período da ortodoxia luterana, o luteranismo foi “nacionalizado” por diversos estados. A Alemanha, que estava dividida em muitos e pequenos estados e territórios, viu a Igreja assumindo a religião do príncipe. Caso o príncipe fosse católico, o território era católico; caso o príncipe fosse luterano, o território era luterano. Havia igrejas de territórios, também designadas de igrejas territoriais. No caso dos territórios luteranos, o príncipe também era chefe supremo da Igreja em seu território. Assim, Igreja e território se confundiam, ficaram sendo a mesma coisa. Isso teve conseqüências significativas para a visão de missão e de diaconia. A missão não era mais vista como função da comunidade, mas como atividade do príncipe. A diaconia, o serviço de amor, era um departamento do Estado e não era mais vista como atividade da comunidade dirigida ao mundo carente e sofrido. Houve vezes em que atividades de comunidades foram proibidas, pois o príncipe entendeu que com sua atividade diacônica a comunidade estava interfe-

rindo em assuntos do Estado. A conseqüência foi a individualização da fé. A fé ficou sendo questão do coração, da contemplação do que Cristo fez por nós. A vida de vocação na profissão não mais existia. Vocação era assunto que dizia respeito apenas ao pastor. Ao cristão comum — palavra terrível — ficou reservada a oração privada, em casa, no quarto. A Igreja foi igualada aos pastores.

Contra essa tendência voltou-se um movimento de renovação que recebeu a designação pejorativa de “pietismo”. Base desse movimento foi o escrito de Filipe Jacó Spener intitulado “Desejos Piedosos”. Spener, pastor luterano, quis uma renovação da Igreja e voltou a acentuar o conceito de Lutero do sacerdócio real de todos os crentes. Como a época em que vivia era um período em que se acentuava o individualismo, sua visão do sacerdócio de todos os crentes ficou sendo individualista. Assim devemos dizer que Spener e o pietismo introduziram o conceito dos “especialmente” crentes, mas não o sacerdócio de *todos* os crentes, como o acentuara Lutero. Algo semelhante aconteceu com a reintrodução do conceito “vocação”, que não foi mais interpretado como dizendo respeito a todos os cristãos, mas aos eleitos. Não devemos diminuir a importância do pietismo, pois importantes legados dele permanecem na IECLB. Ele significou reavivamento dentro das igrejas territoriais, mas não trouxe renovação missionária. Também a atividade de alguns missionários pietistas que atuaram na Índia (p. ex. Bartolomeu Ziegenbalg) não se deu a partir de responsabilidade de comunidade, mas por decisão do rei da Dinamarca, que havia estabelecido uma colônia dinamarquesa na Índia.

Infelizmente o movimento iniciado por Filipe Jacó Spener veio a ser encoberto por outra fase da história da humanidade que denominamos de iluminismo ou ilustração. É a fase em que se confia nas potencialidades da razão humana e em que se descarta a dimensão da fé. Quase todo o século XVIII e parte do século XIX estiveram sob sua influência. É compreensível que nesse período a dimensão missionária estivesse ausente.

No século passado, o século XIX, veio a reação nos movimentos neopietistas. Eles significaram uma arrancada decisiva para a missão luterana. Neles encontramos uma teologia radical do reino de Deus, que buscou reavivar a esperança no final dos tempos. Os cristãos do período estiveram, porém, bastante influenciados pelo individualismo e pelo subjetivismo da época. No entanto, é importante que se diga que com sua teologia do reino de Deus se aproximaram do pensamento de Lutero. Seu subjetivismo levou-os a acentuar o caráter não-confessional da obra missionária. Diziam eles que o lugar da missão não era nem Roma, nem Genebra, nem Wittenberg, mas o Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Para eles, a missão não podia estar ligada nem ao catolicismo romano (Roma), nem ao calvinismo (Genebra), nem ao luteranismo (Wittenberg). Ao acentuarem esse aspecto, tornaram-se iniciadores do movimento ecumênico, que tem, de fato, suas raízes na atividade missionária do século passado.

Em oposição a esse ecumenismo do neopietismo surgiu um movimento que devemos designar de neoconfessionalismo, que pretendia acentuar a lealdade

confessional. Os representantes desse pensamento afirmavam que a missão é “ato livre de amor”, que não pode ser determinado nem por uma instituição, nem por leis eclesásticas. Por outro lado diriam que a missão não é um ato particular dos missionários a serviço de sociedades missionárias. A missão era para eles função e tarefa da Igreja, e, como as igrejas estão determinadas confessionalmente, a missão perde sua base quando se entende como não-ligada a determinada Igreja.

Tanto o neopietismo quanto o neoconfessionalismo são correntes presentes na IECLB. No neopietismo temos missionários vindos de Basiléia e de Barmen e que atuaram em diversas comunidades da atual IECLB, principalmente em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. No neoconfessionalismo temos os missionários vindos de Neuendettelsau e de Hermannsburg e que atuaram principalmente em Santa Catarina e no Espírito Santo, mas também, sobretudo após 1945, em outras áreas da IECLB.

A nível mundial, as tendências do século XIX levaram a maioria dos luteranos a apoiar as tendências políticas conservadoras. É bom lembrar que, ao longo do século XIX, os países em que viviam luteranos continuaram a ter reis, que eram os chefes das igrejas. Os luteranos que emigraram para as Américas, para a África ou para a Austrália levaram consigo esse ideário, e continuaram a cultivá-lo mesmo em democracias. É por isso que não raro luteranos viram nos movimentos liberais e socialistas grupos anticristãos. Liberais e socialistas, por seu turno, só podiam ver nas igrejas parte do sistema, pois estavam sob o rei. Devemos concordar, em boa medida, com as críticas vindas de liberais e socialistas, pois o sistema do qual as igrejas faziam parte soube formular a sentença: “Colonizar é missionar”. Essa sentença terrível buscou justificar a expansão colonial européia, da qual também países luteranos participaram. Na sentença defende-se a idéia de que cada território conquistado para uma nação européia era território conquistado para a fé cristã. As sociedades missionárias transformaram a sentença em: “Missionar é colonizar”, mas não alteraram muito o que de fato estava acontecendo. No fundo, partia-se do pressuposto de que missão e colonialismo tinham os mesmos interesses e se apoiavam mutuamente. Essa pressuposição, porém, está em evidente oposição à presença de Deus em Jesus Cristo e à compreensão missionária dos primeiros tempos da fé cristã.

Um aspecto positivo da missiologia luterana do século XIX e em parte do século XX foi a sua concepção de *Volkstum*, de etnia, tomada do romantismo. Os missionários observaram que cada etnia, que cada povo tem sua cultura própria. Quando acontece missão, não se deve impor ao povo ao qual se leva o evangelho a cultura do missionário. Ao contrário, o evangelho deve ser traduzido para dentro das categorias étnicas e culturais de cada povo e etnia. Nesse sentido, a missiologia luterana foi uma real alternativa à missão neopietista para a qual o mundo e a cultura dos convertidos, em geral, eram sem importância. Essa mesma visão, no entanto, tão importante para o surgimento de jovens igrejas luteranas na África e na Oceania, p. ex., fez com que não raro neste século as igrejas

luteranas sucumbissem ao assédio do fascismo, que colocava a etnia como valor máximo, aliando-se, então, p. ex., ao nazismo.

A história da missão entre os luteranos foi, não raro, a tentativa de separar o que Deus uniu. A missão é horizontal, pois acontece neste nosso mundo. Ao mesmo tempo ela é vertical, pois é Deus aquele que nela atua. Ela é um fenômeno no tempo, pois ocorre na história e no tempo. Ao mesmo tempo ela é eterna, pois representa um movimento que caminha em direção ao fim da terra e ao fim da história e do tempo. A missão só é nossa missão enquanto participarmos da história do reino de Deus que se digladiava com o reino do mal. Essa história da salvação divina não pode ser igualada à história da Igreja. Salvação só ocorre onde e quando for do agrado de Deus. Em sua oração, a Igreja deveria aprender a pedir para que fosse usada como simples instrumento, como serva dessa salvação. Caso ela quiser ser mais, será menos.

Notas

* Versão retrabalhada de conferência proferida na Consulta de Missão, patrocinada pela IECLB e realizada de 3 a 5 julho de 1992, em Rodeio Doze/SC.

1 ORÍGENES, *Contra Celso* III/55.

2 Georg KRETSCHMAR, *Das christliche Leben und die Mission in der frühen Kirche*, in: Heinzgünter FROHNES & Uwe W. KNORR, eds., *Kirchengeschichte als Missionsgeschichte. V. I: Die Alte Kirche*, München, Kaiser, 1974, p. 94-130.

3 HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, Petrópolis, Vozes, 1971, p. 40s. (Fontes da Catequese, 4).

4 EUSÉBIO DE CESARÉIA, cit. ap. W. H. C. FRENZ, *Der Verlauf der Mission in der Alten Kirche bis zum 7. Jahrhundert*, in: Heinzgünter FROHNES & Uwe W. KNORR, eds., *Kirchengeschichte als Missionsgeschichte. V. I: Die Alte Kirche*, München, Kaiser, 1974, p. 38.

5 In: Paulo SUESS, coord., *A Conquista Espiritual da América Espanhola; 200 Documentos — Século XVI*, Petrópolis, Vozes, 1992, p. 673s.

6 Cf. *Livro de Concórdia*; as Confissões da Igreja Evangélica Luterana, Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1980, p. 463s.

7 Cf. *ibid.*, p. 338.

8 Wilhelm LÖHE, *Drei Bücher von der Kirche; den Freunden der lutherischen Kirche zur Überlegung und Besprechung dargeboten*. Stuttgart, 1845. Reimpressão: Darmstadt, Wiss. Buchgesellschaft, 1969, p. 3 e 4.

Martin N. Dreher
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS